

AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA MELHORIA DA PRÁTICA DOS PROFISSIONAIS DO ENSINO SUPERIOR.

*Alexandre Santos de Matos**

*Kleber Ávila Ribeiro***

*Marcia Issa de Sá****

RESUMO

Este texto apresenta discussões e idéias sobre como os procedimentos avaliativos podem ajudar no processo de ensino-aprendizagem dos profissionais do ensino superior, tendo como principais fatores a quebra dos paradigmas atuais da educação e a valorização de um processo em que o aluno desenvolva suas capacidades cognitivas. Para isso defendemos um sistema de avaliação preocupado com a formação dos alunos e também com a conduta do educador. Um sistema que respeite a diferença do educando, fazendo com que esse aprenda, apreenda, entenda e compreenda os percalços que a vida lhe proporciona. Para isso, defendemos a mudança de postura do professor, que este possa melhorar a sua prática didática, utilizando cada vez menos os paradigmas tradicionalistas, valorizando o sujeito no processo de educação e indo de encontro a uma lógica perversa que toma conta da nossa sociedade. O professor deve e pode fazer com que a educação seja a principal arma da sociedade contra os abusos da globalização, conscientizando os alunos com as práticas didáticas e avaliativas que utilizam. A avaliação é uma prática indissociável da aprendizagem no qual podemos observar claramente se o educando aprendeu realmente o conteúdo que lhe propomos a transmitir. Os valores de uma pedagogia existencialista e igualitária podem ser sentidos por várias gerações, mas para isso o professor tem que realmente se aprofundar em sua profissão e transformar os seus alunos de meros expectadores a sujeitos ativos da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Avaliação formativa. Ensino-aprendizagem. Professor. Aluno.

ABSTRACT

This article presents discussions and some ideas about like the evaluations procedures can help at the method teaching-learning of higher education's professional, having like principal factors the rupture of education's current paradigms and the increase in value procedure that the student develops his knowledges and abilities. For this we defend a evaluation's method worried about with the formation of students and also with the conduct of higher education's professional. One method that respects the difference that there is in each student, making with that this student learn and understand the troubles that vitality provides. For this we defend an posture's change of teacher, that this can improve his teaching practice into the classroom, using less and less the traditional paradigms, valueing the subject in the

* Licenciado em Geografia pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL.

** Bacharel em Economia pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL.

*** Bacharel em Psicologia pela Faculdade Maria Thereza – FAMATH.

educacion's method and going against an wicked logic that dominate our society. The teacher must and can make with that education be main weapon against globalization's abuses, raising the students with teaching practice that use. The evaluation's can not be separated of the learning like we can observe with clarity if student learnt really the content that we propose to transmit. The values of an extant pedagogy and egalitarian can be felt for several generations, but for this the teacher has go deeper into his profession and to turn his students in active subject of society.

KEY WORD: Evaluation. Method teaching-learning. Teacher. Student. Construtive evaluation.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, ensinar é transmissão de informação, onde o professor é o detentor do saber. No latim, ensinar é marcar com um sinal (vida, busca, despertar de conhecimento), e tem duas dimensões: a utilização intencional e o resultado. Se o professor explicar um conteúdo e o aluno não se apropriar do mesmo, o primeiro pode dizer que ensinou? Esta é uma questão que precisamos refletir, pois é primordial no processo de ensino-aprendizagem. Diante disto, temos duas palavras que fazem diferença neste processo: aprender e apreender. Aprender é reter na memória mediante estudo, tomar conhecimento, receber informação. Apreender é segurar, prender, assimilar mentalmente, agarrar, não se trata de verbo passivo. As informações podem ser recebidas pela exposição oral, mas para que ocorra a apropriação do conhecimento é preciso se reorganizar, superando o aprender na memorização, e indo na direção do apreender, entendendo e compreendendo o que lhe é passado.

Devemos estimular o aluno a questionar, estudando os fatos em direção aos objetivos, havendo assim um caráter intencional. É importante propor ao aluno o exercício de processos mentais de complexidade variada e crescente à observação, à comparação, à tomada de decisões, à interferências como operações mentais, racionais, de julgamento, conclusão e decisão.

Os conhecimentos devem despertar uma nova percepção, um novo pensamento, assimilação e conseqüente ação, que vão construir novas experiências e identidades, mas para que este processo ocorra, o professor deve criar estratégias que despertem prazer e desejo de continuar buscando novas possibilidades de conhecer o mundo.

No processo de ensinagem o conhecimento é visto como a possibilidade de reconstrução e devemos considerar os limites e possibilidades dos sujeitos atuantes no mesmo, buscando construir sua realidade de acordo com suas opções. Deve ser feita uma parceria deliberada, consciente e contratual entre professor e aluno na construção da profissionalidade buscada na universidade. Existe, neste processo, uma construção contínua da metodologia dialética, na criação do concreto pensado, em sínteses mais elaboradas, buscando a compreensão e o domínio das ferramentas oferecidas pelas diferentes áreas do conhecimento para o enfrentamento da realidade circundante.

A formação profissional contínua dos sujeitos envolvidos – professor e aluno – surge como princípio norteador, de modo a compor ações de responsabilidade social e institucional, na construção continuada do profissional, que é necessário aos desafios da realidade atual.

Neste processo compartilhado de trabalhar conhecimentos, no qual conteúdo, forma de ensinar e assimilar, assim como obter resultados estão mutuamente dependentes, temos a essência de um processo de ensinagem, no qual os sujeitos, em parceria, saboreiam um fazer.

É preciso rever a frase “assistir aulas”, pois sugere uma passividade. O “assistir” ou “dar” aulas deve ser substituído pela ação conjunta do “fazer aulas”. Surgem, assim, importantes formas de atuação do professor com o aluno sobre o assunto a ser estudado e a elaboração de estratégias que facilitem esse novo fazer.

Anastasiou (2002) nos traz a idéia de que “trabalhando com os conhecimentos estruturados como saber escolar, é fundamental destacar o aspecto do saber referente ao gosto ou sabor, do latim *sapere* – ter gosto. Na ensinagem, o processo de ensinar e apreender exige um clima de trabalho tal que se possa saborear o conhecimento em questão. O sabor é percebido pelos alunos, quando o docente ensina determinada área que também saboreia, na lida cotidiana profissional e/ou na pesquisa e socializado com seus parceiros na sala de aula. Para isso, o saber inclui um saber quê, um saber como, um saber por que e um saber para quê”.

A mediação docente é de grande importância, pois é ela que prepara e dirige as atividades e as ações necessárias e buscadas nas estratégias que são escolhidas, onde os alunos são impulsionados ao desenvolvimento de processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento (Vasconcelos, 1996).

2. AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM: QUE RELAÇÃO É ESSA NO ENSINO SUPERIOR?

Existem estudiosos que tratam do saber-fazer do professor, a partir de várias perspectivas. São observadas a competência do professor e a integração do conhecimento do aluno, a postura reflexiva-crítica adotada, sua proposta de educação libertadora e sua prática política, o reconhecimento da complexidade da educação e sua interdisciplinaridade, e várias outras vertentes que vêm sendo abordadas por vários teóricos da educação que buscam enxergar o papel do educador de forma mais ampla, onde o ato de educar não seja uma mera transmissão de conhecimentos, e sim, um espaço de trocas e crescimento de ambos os lados, onde o educando não seja recebido como um aluno, o “sem luz”, mas como um sujeito que faz parte ativa do processo de ensinagem, que tem algo próprio a contribuir. O educador deve estar aberto a esvaziar sua caneca, não se achando conhecedor de tudo e, portanto, prestes a transbordar, e sim como aquele que todos os dias esvazia sua caneca para reiniciar um processo de enchimento da mesma, reconstruindo idéias e revendo atitudes.

O conhecimento é importante e fundamental no universo do ensino-aprendizagem, mas a questão metodológica e os recursos utilizados para avaliação têm igual peso e devem ser bem estruturadas para que o resultado final seja rico para todos. Quando organizamos a forma que transmitiremos o conteúdo, devemos estar atentos para que tipos de possibilidades estamos oferecendo para aquele que está nos ouvindo, sedento ou não por novas informações que possam contribuir na sua formação profissional. Precisamos alargar o aprendizado do nosso educando, permitindo que ele associe o que lhe é oferecido com uma possível prática, que ele possa construir novas percepções sobre o que está à sua volta, que ele possa refletir sobre o papel que passará a exercer após a sua formação acadêmica.

Esta visão dialética deve estar presente em todo o processo acadêmico, pois nada melhor do que nos vermos fazendo parte de um processo, tendo um significado importante no desenrolar de uma história. Nós, professores, temos a tendência a nos cobrarmos muito em relação à apropriação do conhecimento, achando que se dissermos um simples “não sei”, estaremos passando um atestado de incompetência frente ao nosso educando, mas isto tem relação com toda a história acadêmica que vivemos, onde o professor era o único detentor do saber e os alunos estavam ali para acatar tudo o que ele dissesse, sem argumentar, e para tentar “pega-lo” nos seus pontos fracos para que isto pudesse tornar-se motivo de chacota, que era a única forma que fazia com que este aluno pudesse sentir-se um pouco melhor do que o seu professor. Eram raras as trocas de afeto, onde havia realmente uma preocupação com a aprendizagem, onde o “aprender” era substituído pelo “apreender”. O que imperava era a relação de dominação, onde um estava submisso ao outro pela medida da quantidade de conhecimento que um dizia possuir mais do que o outro. O que não deixava, na verdade, de ser uma fraqueza do professor que não se permitia ter olhares sobre si e sobre o seu suposto saber.

Uma prática pedagógica necessita ser dinâmica, onde o pensamento reflexivo seja exercido e que todos tenham seu lugar como sujeitos do processo de ensinagem, onde todos os valores sejam colocados na mesa e repartidos, estabelecendo novos paradigmas e novas maneiras de ser. O professor tem um papel significativo na formação daquela pessoa que está ali na sua frente com medo deste novo mundo de letras e números que está sendo apresentado a ele e aos quais ele deve submeter-se ou será rechaçado, exposto ao ridículo. O nosso aluno precisa receber mais do que letras e números, ele precisa ver-se como ser pensante, como cidadão, capaz de realizações e mudanças, que pode e deve conhecer seus direitos e deveres para que possa lutar por eles e com eles, e isto também é real para a nossa instituição escolar, onde a avaliação ainda está muito presa às antigas provas e testes, sem olhar o processual, o

que o educando produziu ao longo da sua vida escolar, como ele articulou suas idéias oralmente, como ele propôs novos caminhos de interação educacional, como ele se fez presente, e não apenas aquele único momento, diante de uma folha cheia de letras e números que mostrava-se tão ameaçadora, somada à figura do professor andando de um lado para o outro para a qualquer momento tomar a prova de um dos alunos acusado de estar “colando”, onde o tal do “branco” vem, e nada é produzido, apesar de todo um saber interno constituído e praticado.

O nosso educando é muito mais que o alfabeto, do que todos os livros lidos, do que todas as notas tiradas nas provas, ele é uma história, com viés significativos para a educação. Ele não pode ser trabalhado a apenas repetir o que vê e ouve, ele precisa usar sua sensibilidade, sua criatividade, sua percepção. Ele precisa ir além, ver mais do que o que está sendo mostrado, de forma proposital ou não, e em uma avaliação tradicional isto não poderá ser visto, pois só estaremos pontuando um único instante na vida daquele aluno, e que é permeado por vários sentimentos positivos e negativos de si e de sua competência que vão influenciar na sua produção.

Conhecer nosso educando além do que está ali na nossa frente é essencial. Quando alguém percebe que está sendo olhado pelo outro com olhos que vão além da cobrança de uma atividade rotineira, de um papel a ser cumprido, você acaba abrindo outras portas de relação e de aprendizados, e oferece ao outro sempre mais do que ele esperava receber, pois entra o desejo de fazer e não a repetição mecânica de comportamentos previamente esperados. Quando existe o desejo, existe alegria, e quando existe alegria tudo pode acontecer com mais força e significado.

Anastasiou (2004) corrobora que é primordial que o professor provoque, instigue, abra espaço para que o aluno elabore uma ligação com o seu objeto de aprendizagem, percebendo a sua importância na sua formação acadêmica, dando sentido aquele ato de aprender, transformando-o em um “aprender”.

Silva (2002) e Araújo (2002) trazem a idéia da significação da prática reflexiva como algo heterogêneo e plural, onde há a interação de diversos saberes, produzindo novos saberes diante do contexto político, econômico e cultural existente.

Morin (2003) nos traz a problemática da fragmentação das disciplinas e dos currículos, dificultando a interdisciplinaridade na educação. Evidencia o desenvolvimento de uma educação que desempenha a inter-relação do indivíduo/espécie/sociedade de forma indissociável, recobrando a identidade do sujeito.

O saber-fazer é antes de qualquer coisa saber ser um educador, formando seus alunos para serem sujeitos e autores da sua história.

Percebe-se no ensino superior, que deveria ser um lugar especialmente de trocas de idéias e construção de saberes, a repetição do que ocorre nas séries anteriores, onde as notas é que valem para a continuidade dos estudos, ratificando para o sujeito o status de “sucesso” ou de “fracasso” acadêmico. As notas ainda ocupam o lugar, para alguns professores, do medidor real da quantidade de informações adquiridas pelos alunos, sem olhar o todo.

A nossa sociedade vive em constante movimento, ela é dinâmica, e não tem espaço para os saberes lineares e definitivos. A todo o momento nos deparamos com novas situações que nos exigem novas atitudes e formas de pensar. E isto não é diferente no campo profissional, onde a relação sujeito-objeto está sempre sendo permeado por novos valores e maneiras de ser e estar no mundo.

Luckesi (1986,1994) diz que a avaliação educacional escolar, assim como as outras práticas do professor, é dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em uma prática pedagógica. A forma do professor agir interfere diretamente na sua relação com seus alunos e na relação de ambos com o conhecimento e com as situações de vida que enfrentam no seu dia a dia.

A maioria dos professores que atuam no Ensino Superior não tiveram em sua formação o preparo para a docência, indo para esta prática sem a devida reflexão sobre este papel que vão ocupar não apenas naquele momento na sala de aula, mas na vida e formação dos seus alunos.

Chegam com uma postura defensiva, muitas vezes, receando serem questionados sobre o que podem não dominar, e enxergando o que está na sua frente como um inimigo em um campo de combate, e não como aquele que pode vir a somar na sua prática docente e técnica, e acabam utilizando a avaliação como um instrumento de poder e de sustentação da sua “autoridade”.

A avaliação no processo ensino-aprendizagem possui implicações pedagógicas que vão além de aspectos técnicos e metodológicos e perpassam pelas esferas sociais, éticas psicológicas que também são fundamentais. Dependendo da forma como são utilizadas as práticas avaliativas, estas podem estimular, promovendo avanço e crescimento, quanto podem desestimular e frustrar, impedindo o crescimento daquele sujeito que quer aprender. O professor pode estabelecer um cronograma de atividades, unindo estratégias de ensino à qualidade do mesmo.

Aprender a olhar além do simples universo da avaliação classificatória, é o desafio maior da avaliação formativa no ensino superior. Desta avaliação não escapa nem quem tradicionalmente avalia, porque busca, na essência, uma melhoria na qualidade do próprio ensino.

3. AVALIAÇÃO FORMATIVA, UM CAMINHO PARA A EXCELÊNCIA DO ENSINO

Um dos graves problemas da educação é saber se as práticas pedagógicas assumidas pelos educadores se preocupam com o processo de ensino-aprendizagem. Geralmente assumimos uma postura conservadora, aplicando instrumentos de valores quantitativos e desmerecendo a qualidade do ensino. Nem sequer perguntamos se tais práticas dão resultados positivos para o processo de ensino-aprendizagem. O professor, devido a tantas tarefas e a tantos alunos em uma só sala de aula, nem sequer tem tempo para avaliar corretamente se os educandos estão aprendendo. Ora, o principal objetivo do professor e da escola é fazer com que o aluno desenvolva habilidades e competências para a vida, e vemos que isso não acontece.

Ao falarmos de avaliação, logo nos vem à mente as semanas de testes e provas, meros instrumentos de avaliação quantitativa. Alguns, corretamente, nem sequer chamam de avaliação, mas sim de exames, já que estes se preocupam apenas com a “média escolar” do aluno. Nasce aí uma relação social injusta e mesquinha. Os exames enaltecem os “melhores”, aqueles que estudam apenas para um objetivo, que é se preparar para uma data específica de teste e prova e ficar acima da média para não ser reprovado no fim do ano. Mera ilusão, aprendemos erroneamente a avaliar os outros e a si próprios. São poucos os educadores, já acostumados com o sistema de teste, prova e às vezes seminários, que se preocupam de fato se o aluno está desenvolvendo suas capacidades cognitivas. O mundo do “tempo é dinheiro” nos faz crer que a educação tem e deve ser dinâmica, rápida de acordo com os nossos tempos de globalização. Assim nos tornamos individualistas, ou senão egoístas.

O fracasso escolar, sentido por aqueles que se preocupam de fato com a educação, é um problema real que alguns tentam tapar ou remendar. Buscam a lucratividade em detrimento da excelência escolar, e assim ficamos repetitivos na maneira de avaliar.

A globalização mudou rapidamente a cultura escolar. O acesso a informação é amplo, e por isso, os conteúdos ganharam uma importância muito grande no processo escolar. É também sentido que a gama de assuntos em tão pouco tempo leva os alunos ao estresse e ao desinteresse. Muitos conteúdos não condizem com a realidade do aluno, mas a globalização

perversa nos leva a acreditar que “quanto mais” assunto a se estudar, melhores são as oportunidades de vencer na vida.

O desinteresse é um dos graves problemas que o professor possui perante a sua classe. Tenta-se de tudo para prender o aluno em sala, às vezes algumas estratégias didáticas dão certas, outras fazem piorar a situação e o aluno fica automaticamente descrente com o serviço que lhe é oferecido. A partir do momento que o aluno fica descrente com o sistema que lhe é conferido, nasce o desrespeito ao educador, que fica acuado, sem saber o que fazer com os indivíduos que estão ali em sua frente. Além disso, temos ainda o despreparo de muitos professores que trabalham na educação porque não tem outra perspectiva ou, trabalha como se a sala de aula fosse um bico para completar sua renda.

O despreparo, a avaliação quantitativa (exames), uma gama de conteúdos, o “tempo é dinheiro” e o desinteresse dos alunos são uma série de fatores que explicam o fracasso escolar pelo qual vivemos. Esse fracasso não está presente apenas na educação básica, infelizmente ela se estende também para as faculdades.

O que fazer? Como fazer? Enfrentar a ordem vigente? As respostas também não são simples. O professor e o aluno são vítimas do sistema educacional fundado para multiplicar o capital acima de qualquer coisa como podemos ver no seguinte trecho:

O resultado objetivo é a necessidade, real ou imaginada, de buscar mais dinheiro, e, como este, em seu estado puro, é indispensável à existência das pessoas, das empresas e das nações, as formas pelas quais ele é obtido, sejam quais forem, já se encontram antecipadamente justificadas (SANTOS, 2003, p.56).

Ora, a busca pelo lucro já está antecipadamente justificada pela elite econômica e infelizmente essa idéia afeta a educação. As escolas e faculdades se moldam para fornecer mão-de-obra e para garantir sua rentabilidade. A educação se torna um produto, algo que se compra.

Sair parece difícil, mas encontramos algumas válvulas de escape que podem aos poucos mudar os parâmetros da educação moderna. Temos muitas coisas a favor. É sabido que hoje os alunos possuem uma tendência de desenvolverem mais rapidamente suas capacidades cognitivas através de diversos instrumentos. Um dos instrumentos tem a ver com o avanço tecnológico. O uso de computadores e de outros dispositivos eletrônicos podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem, colocando o aluno mais próximo da realidade e enriquecendo a sua aprendizagem.

O professor deve se preocupar se o educando está ou não aprendendo, e às vezes ele próprio deve se auto-avaliar para melhorar suas práticas pedagógicas, firmando um verdadeiro

compromisso com a educação. A avaliação deve ser mudada e moldada para melhor acolher os alunos. Aliás, a avaliação deve também ser sempre negociável entre o professor e o aluno. Faz e deve ser parte da educação o prestígio pelo diálogo entre as partes. O professor precisa saber das expectativas e necessidades dos alunos, assim como os alunos precisam se expressar para que o educador molde a avaliação de acordo com as necessidades do momento.

A escola também deve ser entendida como um caminho para que os mais necessitados possam ter meios para galgar novos horizontes. Sabemos que os processos de avaliação tradicional mais excluem do que incluem como podemos perceber no seguinte trecho:

A mobilidade social é, em nossa sociedade, analisável como um copo meio cheio, meio vazio, conforme o que se quer demonstrar. É certo que a igualdade das chances não existe – até mesmo as variações se agravam entre os mais e os menos favorecidos -, mas é evidente também que ninguém mais é condenado eternamente à sua condição e que a escola é a primeira chance de “sair” de sua classe de origem para “subir mais alto do que sua família”, esperanças que alimentam praticamente todos os pais, com exceção daqueles que, já situados no alto da escala, só podem sonhar em manter e transmitir seus privilégios (PERRENOUD, 1999, p.63).

Temos aí um ponto importante, a valorização da educação pública e de qualidade para aqueles que tem acesso a ela possam conquistar melhores condições de vida. Ou seja, a educação tem muitos problemas, mas podemos enfrentá-los valorizando um processo em que o aluno de fato aprenda e que tenha sempre a qualidade do ensino público como meta a ser almejada.

O capital constrói a ideologia de uma forma a desmerecer a educação pública, privilegiando as instituições particulares e marginalizando boa parte da população. Essa é a lógica perversa da globalização ao valorizar o mercado em detrimento da gestão pública, principalmente no que concerne a educação. Por causa de tantos problemas aqui elencados, o educador tem que se preocupar bastante como é que avalia o aluno. Sabemos que é difícil porque os professores possuem turmas com muitos alunos e acompanhar um por um é uma tarefa impossível.

Apesar de tantos problemas, o educador precisa se olhar e agir de acordo com as necessidades do aluno. A avaliação formativa traz uma bela perspectiva para a educação, porque através dela o professor observa melhor os alunos e otimiza as aprendizagens. Ou seja, a avaliação formativa regula intencionalmente a aprendizagem do aluno, atendendo as suas expectativas.

A idéia do professor regular o processo de ensino-aprendizagem precisa ser muito bem calculada. A trajetória ideal nem sempre vem com rapidez, pode levar muito tempo e aí está o papel decisivo do educador. Este deve estabelecer um planejamento no qual o processo de

avaliação possa se ajustar de acordo com as necessidades e expectativas dos alunos, reconhecendo as diversidades culturais, dos modos de vida e de comunicação.

Tomamos como exemplo o estudo de um mapa do bairro onde os alunos moram. Nem todos os alunos possuem a mesma relação com o local onde convivem. Alguns são mais interativos com a comunidade, outros não fazem sequer a questão de debater assuntos pertinentes ao bairro onde habitam, ou seja, todos são diferentes nas relações sociais que estabelecem e por isso não devem ser tratados sobre um processo de avaliação homogêneo. O que queremos afirmar é que a mudança no processo de avaliar, preocupando-se com as diferenças, faz com que o aluno passe a se interessar mais com a aprendizagem. Acabamos insistindo no erro da homogeneização da avaliação. Queremos ampliar a aprendizagem sem que para isso deixe de se preocupar com a avaliação. Por isso, o professor precisa se auto-regular, saber o quê, onde e como moldar as práticas avaliativas de acordo com a aprendizagem e necessidade do aluno.

Para o professor regular e se auto-regular no processo de avaliação, precisa de diálogo com os educandos. Não podemos “agir como se todos os alunos tivessem constantemente vontade de aprender, soubessem por que vêm às aulas e quisessem cooperar para sua própria formação” (PERRENOUD, 1999, p.118).

A avaliação formativa compõe diversas racionalidades, por isso, toda ação tem que ser pensando no indivíduo. Ora, a avaliação não deve ser feita através de exames. O exame exclui e valoriza o não aprender como podemos ler no trecho abaixo:

[...] Nossos educandos vêm a nós para aprender e não para serem examinados. E, no caso, os exames não ajudam a aprender. Eles, por si, são classificatórios e excludentes ao passo que aprendizagem necessita de inclusão pelo acolhimento, pela orientação e pela reorientação, o que só pode ser subsidiado pelo ato de avaliar, que é diagnóstico (LUCKESI, 2005, p. 11).

O que fazemos nada mais é do que excluir os nossos alunos, criando um clima injusto com eles e conosco, porque nos desviamos do principal objetivo da educação, que é ensinar o aluno a aprender. Avaliar precisa ser um caminho em que o professor e o aluno possam caminhar juntos, buscando resultados positivos na construção de conhecimentos e habilidades.

O ato de avaliar não pode ser impositivo, e sim dialógico e construtivo para que o aluno sinta prazer em aprender e que o educador sinta prazer em ensinar.

Percebemos que a avaliação formativa se reinventa a todo o momento. Primeiro porque precisamos perceber as necessidades dos alunos, segundo porque o professor precisa identificar os entraves ao processo de ensino-aprendizagem.

Podemos ainda afirmar que a avaliação formativa privilegia a pedagogia igualitária, não no sentido de homogeneizar o ato de avaliar, mas de dar condições, com processos diferentes, ao aluno poder desenvolver suas capacidades cognitivas. De construir o conhecimento respeitando a diversidade do aluno. A consciência da diferença nos faz passar de uma situação crítica para uma visão crítica do ato de avaliar.

O professor deve estabelecer uma pedagogia existencial e igualitária, respeitando e reiterando a diferença como principal fator do ato de avaliar. Olhar sempre para si e aprender a escutar o aluno, não impondo ordens e didáticas errôneas, mas dialogando para obter um ciclo positivo para o aluno. A educação não deve ser vista com um ponto final. Precisa ser incentivada mesmo fora do âmbito escolar para mudarmos os paradigmas atuais da educação, paradigmas estes que se baseiam na lei do mercado, obedecendo a uma ordem global perversa que privilegia a elite em detrimento das massas populares. Não estamos aqui sendo demagogos, estamos aqui sendo realistas, buscando soluções palpáveis para driblarmos o sistema educacional comandado pelo mercado que aí se impõe. O professor precisa mais do que nunca estabelecer sua situação de agente modificador da sociedade aí vigente. Quando muda-se a postura positivamente, podemos perceber que os alunos passam a se interessar pela aprendizagem e assim passam de vítimas a agentes ativos da sociedade.

4. PRÁTICAS AVALIATIVAS POSITIVAS NOS CURSOS DE ENSINO SUPERIOR: ASPECTOS DIDÁTICOS-PEDAGÓGICOS.

A idéia de se colocar em prática no processo de ensino-aprendizagem uma avaliação mais formativa, voltada para a construção e compromisso com o aprendizado do aluno tem, embora ainda de forma incipiente, conquistado espaço nos ambientes educativos. Entretanto, é sabido que o caminho a ser trilhado objetivando a construção de uma educação emancipadora, é imprescindível a existência de uma lógica universitária que questione, desvele e critique o conhecimento, atribuindo-lhe significado.

O problema da avaliação da aprendizagem encontra-se diretamente relacionado com a prática docente vigente, que é a formação de futuros profissionais de ensino superior. Hoje, para atuar na formação destes profissionais exige-se pesquisa e investigação de práticas avaliativas efetivas e marcantes que são vivenciadas durante todo o processo de formação, para, desta forma, enriquecer e solidificar a construção de um ambiente voltado para reflexão e ação para a prática pedagógica que se pretende estruturar. Busca-se, dessa forma, o melhor conhecimento das práticas avaliativas que permitiriam o rompimento com padrões

tradicionais de atuação docente, promovendo melhores condições de aprendizagem para os alunos, construção do conhecimento e conseqüente desenvolvimento.

Diante de uma tradição secular, as práticas de avaliações positivas dos professores estão revelando uma ruptura com o paradigma da educação tradicional, representando uma esperança de modernização do processo de ensino-aprendizagem, mediante o movimento de atualização das suas ações pedagógicas.

Para que haja este processo de ruptura, torna-se imprescindível que os professores envolvidos neste processo tenham a intenção de fazê-lo; esta intencionalidade é essencial à mudança das práticas de avaliação, com o sentido de transformação, vem possibilitando melhorias significativas dos processos de avaliação.

Através da intenção, os professores direcionam seus trabalhos, identificando os objetivos ou finalidades que querem alcançar com a avaliação, enfatizando a busca do desenvolvimento de habilidades complexas do pensamento, como a reflexão, a crítica e a consciência crítica, a resolução de problemas, a clareza sobre processos e a organização de idéias.

Cabe aos professores do ensino superior a formação de leitores e pesquisadores e o incentivo à elaboração de trabalhos para serem publicados, próprios da vida acadêmica. A execução dessas atividades, além de preparar os alunos para o exercício de suas respectivas profissões, os incentivariam para darem continuidade as suas carreiras.

Os professores devem levar os alunos a ultrapassarem a posse do conhecimento mas, também, desenvolver a reflexão e outras habilidades intelectuais para lidar com os conhecimentos. Ao estabelecer objetivos e metas cujas realizações sejam de nível complexo, o professor vai fazendo com que, gradativamente, seus alunos se tornem cada vez mais responsáveis e protagonistas de suas aprendizagens, pelas habilidades que vão desenvolvendo. Essa intencionalidade é bastante apropriada para o nível de formação no ensino superior.

O professor revela sua intencionalidade também ao propor, discutir ou definir os critérios de avaliação da aprendizagem para seus alunos. Ao definir os critérios para a avaliação, o professor realça o que é mais importante para ser avaliado, agindo desta forma, torna o processo avaliativo mais aberto, democrático e orientado.

Os critérios de avaliação devem expressar a qualidade das aprendizagens resultantes da proposta didático-pedagógica, representativos do que é essencial na área de conhecimento. A utilização destes critérios podem servir de subsídios ao avaliador em suas observações, questionamentos, reflexão teórica, e na crítica de produções resultantes da relação sujeito – objeto do conhecimento – experiências vividas na prática social:

Por outro lado, em situações de avaliação, voltadas para a verificação do rendimento escolar, os critérios cumprem o papel de auxiliar o avaliador na classificação do aproveitamento escolar, em relação às aprendizagens desenvolvidas, podendo estar associados à nota. (TURRA, 2003, p.69).

A utilização do critério avaliativo associado à nota é o mais usual, mas o primeiro é, sem dúvida alguma, o que carrega maior intencionalidade consciente do ponto de vista didático-pedagógico, haja vista, que busca o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos; de aperfeiçoar sua capacidade de pensar; de dar um significado para o que foi estudado; de desenvolver a capacidade de construir seu próprio conhecimento, desde coletar informações até a produção de um texto que revele seu conhecimento.

Alguns artigos já foram publicados com o objetivo de identificar qual seria o melhor critério de avaliação a ser aplicado durante o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de nível superior, dentre os quais, um em especial, elaborado por professores do Departamento de Educação – Centro de Educação, Comunicação e Artes – CECA da Universidade Estadual de Londrina – UEL. O trabalho consistiu na investigação sobre os critérios de avaliação da aprendizagem nos cursos de licenciatura, onde foram entrevistados 48 docentes para saber que práticas avaliativas seriam mais positivas e que lições podem ser delas extraídas, referentes aos aspectos didático-pedagógicos. Vários professores explicitam o uso dos critérios em suas avaliações, há aqueles que os definem e os apresentam aos alunos; os que esclarecem até mesmo o conceito de critério; os que usam o critério para declarar o nível de exigência e também atribuir a nota; os que o tomam como sinônimo de objetividade; e os que revelam os aspectos que consideram ser seus critérios.

Por exemplo, em entrevista feita junto ao professor, que chamaremos de B3, explica: “[...] os alunos apresentam seus trabalhos em painel e estabelecem os critérios de avaliação: passo com eles com antecedência o que são critérios. No primeiro painel eles aprendem qual é o critério de avaliação e no segundo corrigem as falhas [...]”. (TURRA, 2003, p.72).

Em outra entrevista cedida por outro docente, aqui chamado de professor K2, segundo ele:

Uso filmagens das práticas dos alunos, através deste recurso posso parar e analisar as ações com critério, estabelecendo nota para cada tipo de ação que eles realizam. Procurando trilhar novos caminhos para tentar fazer uma avaliação mais coerente, mais justa, que beneficie mais o aluno, sendo encarada como feedback¹ e não como uma punição. (TURRA, 2003, p.72).

1 Expressão em inglês. Trata do recebimento de comentários sobre algo, alguma coisa...

Se os docentes do ensino superior mostrarem intencionalidade em modificar suas aulas, fazerem uso dos recursos tecnológicos, selecionarem conteúdos significativos, desenvolver um relacionamento adulto com a turma, pondo em prática uma mediação pedagógica e, após tudo isso, não alterassem o processo de avaliação, isto é, continuarem fazendo uma avaliação como em geral se faz nas instituições de ensino, de nada adiantará todas essas mudanças acima mencionadas, pois para o aluno tudo continuaria sendo decidido nas provas e todo o trabalho inovador e participante desenvolvido no transcorrer do ano letivo não terá valor algum. Este comportamento seria o mesmo que colocar uma pá de cal sobre as inovações pedagógicas e mais uma vez perder a confiança dos alunos. As mudanças devem estar direcionadas visando sempre à melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Geralmente, o conceito de avaliação que se tem é aquele formado com base em nossas experiências escolares, que nem sempre foram gratificantes; mediante a observação de como faziam nossos professores e através da imitação daqueles que, em nosso modo de entender, melhor avaliavam. Quanto a este conceito, o aluno entende como avaliação o processo em que eles são julgados pelo professor, cujos critérios avaliativos depende para “passar”.

Resta no conceito de avaliação que se pode perceber nas atitudes tanto de alunos quanto de professores, o principal elemento da avaliação que é a aprendizagem. Os alunos não se preocupam em aprender o conteúdo que lhes foi apresentado, mas em obter a nota para aprovação. Quanto aos professores, de fato, estão interessados que os alunos aprendam a matéria, no entanto, os instrumentos que utilizam em suas avaliações não levam em conta o próprio processo de ensino-aprendizagem. Para exemplificar: normalmente, são aplicadas provas ou trabalhos onde se busca medir informações que os alunos disponham em um determinado momento, em situações de tensão, nervosismo, muitas vezes ocasionadas pelo próprio professor durante o ano letivo. Nem os demais aspectos importantes da aprendizagem como competências, habilidades e atitudes são avaliados, assim como o processo de desenvolvimento do aluno também não é acompanhado.

É importante que a avaliação acompanhe o processo de ensino-aprendizagem, valorizando todas as atividades que foram realizadas no decorrer do ano letivo, bem como, os critérios de avaliação utilizados para ajudar o aluno a aprender, motivando-o a construir seu próprio conhecimento, e não apenas classificando-o como aprovado ou reprovado.

Durante a prática docente, o processo de avaliação traz a idéia de nota, de poder, de autoridade, aprovação ou reprovação, de classificação de alunos para determinados objetivos.

Esta idéia está associada à tradicional cultura escolar, às experiências pessoais de cada um e, até mesmo, a tradição dos cursos de ensino superior.

Os professores querem que os seus alunos aprendam, mas se esquecem de algumas características do processo de ensino-aprendizagem. Embora pareça elementar, os professores sabem que as pessoas são diferentes, não são homogêneas, que cada um tem seu ritmo próprio de aprendizado, no entanto agem de forma contraditória ao elaborar um plano de curso para o grupo, não levando em consideração estas peculiaridades, sem flexibilizar para ritmos diferentes entre os alunos, acarretando em maiores dificuldades para alcançar seus objetivos.

O processo de avaliação deve atuar de forma integrada com o processo de ensino-aprendizagem, incentivando e motivando para a aprendizagem. Mas este fato não ocorre na prática docente, a avaliação ainda não é vista como instrumento motivador à aprendizagem, mas como identificadora de resultados alcançados. A avaliação poderá atuar como elemento motivador à aprendizagem através do acompanhamento do aluno durante o seu processo de aprendizagem, quando são observados o seu desenvolvimento para a execução das atividades propostas, se conseguiu realizá-las, realizou-as parcialmente, ou até mesmo as cumpriu, mas não conseguiu alcançar os objetivos que foram propostos e necessita de orientação e informações para corrigir suas falhas, ou refazer a atividade para aprender o que precisa.

Estas informações acerca do comportamento do aluno na consecução das atividades propostas, devem atuar com um feedback permanente, devendo está presente em todas os momentos durante o processo de ensino-aprendizagem, permitindo o diálogo entre professor e aluno. O aluno deve perceber o interesse do professor pela sua aprendizagem e não apenas por melhorar sua nota; ao professor, cabe escolher qual a melhor orientação para aquele aluno ou para aquele grupo.

Para que a avaliação esteja integrada ao processo de ensino-aprendizagem é necessário que três elementos estejam inter-relacionados: o aluno tenha interesse em aprender; o professor em colaborar com o aluno para que este alcance seus objetivos; e um plano de atividades coerente que apresente condições básicas suficientes que, sendo realizadas, permitam ao aluno o alcance de seus objetivos. Portanto,

[...] o processo de avaliação que procura oferecer elementos para verificar se a aprendizagem está se realizando ou não deve conter em seu bojo uma análise não só do desempenho do aluno, mas também do desempenho do professor e da adequação do plano aos objetivos propostos (MASETTO, 2003, p.151).

Para buscar uma melhor eficiência no processo de avaliação é necessário, também, que se faça uma avaliação de um elemento importante dentro deste processo: o professor. É

importante se avaliar o desempenho do docente dentro do contexto do processo de ensino-aprendizagem, o professor deve buscar junto aos alunos informações acerca de suas atitudes e comportamentos perante os alunos individualmente ou em grupos e que estão colaborando ou não para o processo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação deverá incidir sobre as ações que o professor vem realizando em classe ou fora dela, as quais ajudam ou não os alunos em seu aprendizado. Estas informações são importantes para que o professor reflita sobre como melhorar sua colaboração como docente.

Há que se avaliar a adequação do plano estabelecido. Mesmo quando o plano de curso é feito em conjunto com os alunos, sua implementação pode trazer dificuldades, tais como, com os textos escolhidos, com o cronograma estabelecido, com as técnicas a serem utilizadas, com a organização das atividades, com o conteúdo que se propõe, com o processo de avaliação que se institui de fato. Quando acontece a sucessão desses fatos, resulta no não aproveitamento no processo de aprendizagem por parte do aluno, o que não é culpa ou deficiência sua, mas por questões do próprio programa, que necessita correções urgentes para que possam, ainda, serem utilizadas dentro do curso em vigor.

Como o processo de avaliação é contínuo e dinâmico, não apenas o professor deverá emitir opiniões e informações acerca do processo propriamente dito, mas, também, outras pessoas que colaboram para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Tais como: os colegas de turma em atividades em conjunto, profissionais ou especialistas quando em visitas técnicas, sites específicos etc.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se consiga uma melhoria na qualidade do ensino nos cursos de nível superior é imprescindível que não exista uma dissociação entre avaliação e aprendizagem, mas que os dois atuem de forma integrada, pois não se pode continuar com dois processos atuando de forma paralela, devendo existir uma interação entre os elementos que compõem o processo de ensino-aprendizagem propriamente dito: aluno, professor e um plano de curso bem elaborado.

A avaliação em si não pode ser abandonada, ela deve ser utilizada como instrumento de coleta de dados para que se possa avaliar o nível de aprendizagem dos alunos. O processo de avaliação consiste num ato rigoroso de acompanhamento da aprendizagem do aluno, permitindo que se tome conhecimento do que foi realmente aprendido e do que não se aprendeu e redirecioná-lo para que supere suas dificuldades e carências, haja vista, que em um processo de avaliação positiva o que importa é aprender, estimular a construção do

conhecimento, desenvolver a reflexão e o senso crítico, desenvolver habilidades e competências, preparando os alunos para vida profissional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. Coleção questões da nossa época. Vol. 104. São Paulo: Cortez. 2003. p.100.

_____. **Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schon e os programas de reflexão de professores**. Revista da Faculdade da Educação da USP, v.22, n.2, p.11-42. dez. 1996.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processo de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville, SC: Universille, 2004.

ARAÚJO, K. C. L. C. **A construção dos saberes docentes: um olhar sobre a prática pedagógica dos professores iniciantes da educação superior**. In: XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2002, Recife. Anais... Programas e resumos: painéis e pôsteres.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980. p.218.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**. 2.ed. Salvador: Malabares, 2005.

_____. **Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo**. Revista de Educação AEC, Brasília, v.15, n.60, p.23-37, abr./jul. 1986.

MASETTO, Marcos Tarcísio. **Competência pedagógica do professor universitário**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO. 2003. p.118.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G.C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 279.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **Formar professores como profissionais reflexivos.** In: NÓVOA, A.(Coord.) **Os professores e sua formação.** 3.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. (Temas de educação)

SILVA, W. R. **A construção/desconstrução do saber no contexto da prática de ensino.** In: XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13., 2002, Recife. Anais...Programas e resumos: painéis e pôsteres.

TURRA, Clódia Maria Godoy. **Avaliação e reconstrução contínua da realidade.** 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCSRS, 2003.